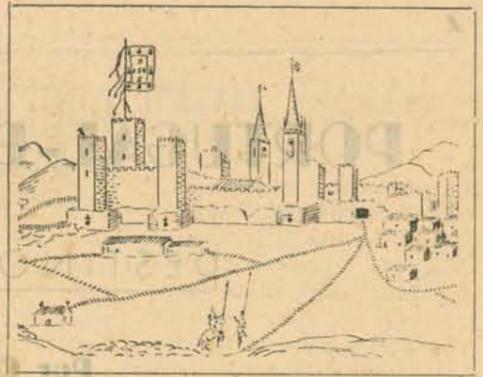


Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO



<p>REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º</p>	<p>Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO PROPRIEDADE DA direcção</p>	<p>COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO OPICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE</p>
--	--	---

Sois Formosa, Maria!

Pelo Rev. Padre ANTÓNIO LOPO

Deus é amor. Porque é Amor, criou-nos, fez-nos Seus filhos e redimi-nos.

Na redenção, porém, quiz Ele, acentuando este Amor, revelar-nos outro atributo—a Sua Justiça.

Não se limitou, por isso, a perdoar pura e simplesmente o pecado de Adão e Eva. Não! O pecado é um mal demasiado grande e tremendo.

Tão tremendo ele é que tudo transtornou; que a criação do inferno para o castigar; e toda essa série imensa de males físicos com que deparamos a cada passo não nos dão a sua justa medida. Exige, por isso, um sacrifício reparador, proporcionado à dignidade do ofendido. Mas este sacrifício não lhe podia ser oferecido por Deus, porque Ele, puro espírito, não tinha carne para sacrificar.

Também não lhe podia ser oferecido pelo homem, porque este tinha uma natureza pecadora e finita.

Quem é que, pois, ha-de ser vítima? Ficar o homem por redimir? Não!

Deus fez outra maravilha: isenta de pecado original a mulher, a quem ha-de pedir a natureza humana que dará a seu Filho.

E, deste modo, dando ao Seu verbo, que se oferecera para redimir o homem, uma natureza humana, tornou possível o sacrifício redentor, que na Sua Justiça exige. A mulher, sobre a qual recaiu a escolha, para dar a seu Filho a natureza humana, foi MARIA.

Foi por isso, que foi Maria isenta de pecado original, imaculada na Sua Conceição, porque estava destinada a ser MAE do Redentor.

Como sabemos nós que Maria foi imaculada? Porque Deus e um anjo no-lo disseram.

Deus, no momento em que amaldiçoara a serpen-

te, dizendo-lhe que, entre ela e a mulher, a sua descendência e a dela, punha inimizades e que Ela lhe esmagaria a cabeça para sempre.

O anjo, saudou-a como a "Cheia de Graça", expressão que nós hoje sabemos significar que Maria é Imaculada.

O eco destas vozes chegou aos ouvidos de todos os cristãos, estendeu-se a todas as gerações; mas até ao século XII foi fraco. Nesta data, cresce de volume e em tais moldes que no século passado, o Papa de então, Pio IX, se sentiu na obrigação de, solenemente, como Doutor Universal, proclamar, definir e confirmar que Maria fora concebida sem pecado original.

O mundo rejubilou de alegria, a que a Imaculada não ficou indiferente.

E tão contente Ela ficou que, anos depois, como que em reconhecimento, aparece em Lourdes; e a pequena Bernardete declara ser Imaculada.

Disse: o pecado é um tremendo mal. Agora acrescentarei: a Graça é um bem imensamente grande.

Tão grande ele é que só as almas puras como Maria, são capazes de lhe medir a sua grandeza. Por isso se diz ser esta—a Sua Imaculada Conceição, o privilégio que Ela mais aprecia.

Não será também este aquele com que nós, Seus filhos, mais nos orgulhamos em Lhe reconhecer?

Hoje, o mundo cristão, alegremente, canta: "Toda sois formosa, O'Maria, e mancha em Ti não existe".

O "Correio de Nisa", que hoje recomeça a sua publicação, mui gostosamente se associa ao louvor que toda a cristandade dirige à Virgem; e com ela canta também: Toda sois formosa, O'Maria, e mancha em Ti não existe".



À Imaculada Conceição

Lá nesse etéreo assento, Virgem Pura, da trina e uma essência coroada, de tronos, querubins sempre adorada, gosando estais eterna formosura.

Lá, onde a luz jamais perde a figura, sois Vós, porque quereis, Virgem Sagrada nosso guião de paz, nossa avogada, sois sol, que nos livrou da noite escura.

Sem mácula, espelho, poço d'água, sinada fonte, em quem da sêde humana os pecados de todos se lavaram!

Cerrado bosque, rosa soberana, Lírio que entre espinhos vos acharam, livrai-nos, por quem sois, da eterna mágoa.

FREI AGOSTINHO DA CRUZ, GRANDE PORTA MÍSTICO DO SÉCULO XVI

Prolegómenos

Após dezoito anos de hiato, dispendidos em trabalhos de identificação, e desimpedimento dos caminhos de ronda, volta a ocupar o lugar que lhe compete o "O CORREIO DE NISA".

Agora, o jornal é pago número a número; mas os anunciantes e os simples assinantes que, da primeira série, apenas receberam trinta e seis números, têm à sua disposição, nos nossos escritórios, os primeiros dezasseis números desta segunda série, aqueles com a mesma superfície de publicidade e todos com o mesmo prazer espiritual de leitura consubstancial e esquipática.

A única formalidade externa que se torna substancial é a apresentação do respectivo recibo, impossibilidade filosófica para muitos, e tarefa bem simples para poucos, para os que pagaram.

Oração à Virgem

Santa Maria
Deus a escolheu
Para ser mãe nossa,
E nela nasceu.

E nela nasceu
O Senhor Jesus,
Salvador do Mundo,
Espelho de luz.

Espelho de luz,
E p'ra nos salvar,
E nós como ingratos
Nós sempre a pecar.

Nós sempre a pecar
Sem emenda ter,
Ninguém considera
Que há-de morrer.

Que há-de morrer,
Contas há-de dar
Àquele Senhor
Que pode castigar.



D. Dinis, o rei vigoroso e inspirado poeta, que fez erguer as muralhas de Nisa, ainda hoje a atestarem quanto nesses tempos remotos valiam o ânimo e a persistência de verdadeiros heróis.

Este número foi visado pela censura

PORTUGAL-BRASIL

DESTINO

Por Cecília Meireles

Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca é madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossêgo, que olhais para o sol e encontrais direcção, Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não).

Pastora de nuvens, por muito que espere, não ha quem me explique meu vário rebanho. Perdida atrás dele na planície aérea, não sei se o conduz, não sei se o acompanho.

(Pastores da terra, que saltais abismos, nunca entedereis a minha condição. Pensais que ha firmezas, pensais que ha limites. Eu, não).

Pastora de nuvens, cada luz colore meu canto e meu gado de tintas diversas. Por todos os lados o vento revolve os velos instáveis das reses dispersas.

(Pastores da terra, de certos olhos, como é tão serena a vossa ocupação! Tendes sempre o indício da sombra que foge... Eu, não).

Pastora de nuvens, não paro nem durmo neste movel prado, sem noite e sem dia. Estrelas e luas que jorram, deslumbram o gado inconstante que se me extravaiava.

(Pastores da terra, debaixo das folhas que entornam frescura num palácio chão, sabeis onde pousam ternuras e sons. Eu, não).

Pastora de nuvens, esqueceu-me o rosto do dono das reses, do dono do prado. E às vezes parece que dizem o meu nome, que me andam seguindo, não sei por que lado.

(Pastores da terra, que vêdes pessoas sem serem apenas de imaginação, podeis encontra-vos falar tanta coisa! Eu, não).

Pastora de nuvens, com face deserta, sigo atrás de formas com feitios falsos, queimando vigílias na planície eterna que gira debaixo dos meus pés descalços.

(Pastores da terra, tereis um salário, e andarás por bailes vosso coração. Dormireis um dia como pedras suaves. Eu, não).

FÁBULAS DE SEMPRE

No fundo da caverna medonha e gélida, o leão prostrado parecia agonizar.

Por entre aquela semi-obscuridade tenebrosa, recordava a vida da floresta, os ataques às vítimas, sacrificadas à intolerância do estomago, os momentos deliciosos em que vagueara com as suas queridas leas, as funções soberanas que lhe haviam competido, como "rei dos animais".

Desempenhara ha anos, em comissão de serviço, o lugar de subdirector, numa escola de topografia florestal.

E, quantas soluções não tinha ele proposto às assembleias leoninas, para se evitarem maus encontros de caçadores e se garantirem lautos banquetes, por tardes amenas, nas clareiras da selva!

Postas de parte algumas escaramuças, indispensáveis para adquirir os meios legítimos de subsistência, não lhe acusava o ânimo patifarias de grande vulto.

"Mulheres" tinha-as conhecido aos centos; mas, sempre fiel ao amor, enquanto durava o amor, nunca possuíra mais do que uma de cada vez...

Era um leão pacífico, metido consigo, um leão muito pacato, que gosava as aparências, sem nunca deixar de medir, cautelosamente, rigorosamente, a densidade das consistências.

Quando apertava o sol perpendicular, dormia à sombra dos arvoredos seculares; e, sempre que lhe apetecia, soltava o seu urro filosófico, sem que muitas vezes recebesse outra resposta, além dos ecos das serranias.

Se os ares obumbravam e sobrevinha borrasca, recolhia-se na primeira caverna da imensidão, para onde, em geral, levava uma leoa, companhia indispensável na gruta, enquanto chovia cá fora.

Como recordava tudo isto!

Certo dia correu pela floresta que um tal Jules Gerard, caçador da espécie, tinha chegado aos arredores, disposto a deslumbrar Paris, no regresso, com as peles de vinte milhões de feras.

O leão teve, nessa conjuntura, as suas naturais preocupações, uma especie de "exceptio salutaris", para não lhe ser insípida a vida, sem uma única mortificação. Recorrendo, porém, à mēzinha conhecida, arranhou mais uma "noiva", calmante recomendável em tais emergências.

Enquanto o inimigo vinha e não vinha, folgava leão; e as coisas nunca deviam ser tão más como pareciam.

Entretanto, ia recordando.

E tudo do passado lhe ficava distante, dolorosamente longe, mas sempre nítido, muito nítido.

Agora, ali, parecendo "in articulo mortis", iria pagar todos os seus pecados, recebendo servícias e injúrias graves, qual infeliz cōnjuge que não requer divórcio por ser manso.

Todos viriam insultá-lo, pelas antigas carnificinas dos banquetes, comidos nas clareiras da selva, por tardes amenas, quando o sol mergulhava no horizonte, incendiando com reverberos de ametista e ouro, a curvatura gigante do céu.

Mas a todos ele perdoaria, num "poenitet", resignado e bom.

E cerrava as pálperas, lentamente, muito lentamente, como em último adeus à vida.

De súbito, — Oh surpresa! — entra na gruta uma leoa adúltera, à frente de caterva incontável de burros.

Com estes, tinha ela vivido, meses seguidos, por exigências lineares, na espessura das matas.

Aliás, tudo era também uma questão de espessuras.

Entrou.

Atrás dela, a burricada reles ondulava os dorsos, numa maré sinistra de vingança, de despeito, de inveja ainda, mesmo ainda, pelo leão "moribundo".

Maravilha! O "rei dos animais", abriu de novo os olhos e fixou com ternura a leoa recenvinda, como maná saborosíssimo que o destino lhe ofertara.

Depois, ergueu-se, perante o pasmo de todos; e, com fúria, com ânsia, atacou os burros, exclamando: "Bem dizia De Maistre: saber esperar é o grande segredo do sucesso".

E, em momentos, tudo ficou em postas, talhadas a rigor pelos dentes sábios.

Postas geométricas que podiam figurar em Londres, estufadas por um Vatel, com molho "aux champignons", sobre porcelanas, orientais por entre tufos de orquídeas, na sala de jantar do "Claridge", após o caviar.

Em seguida, o leão reclinou-se e acariciou a fêmea, para mais um noivado.

Os leões, às vezes, fingem morrer.

É que, "quando chove e faz sol, estão as bruxas a pentear-se". E é tão lindo o arco-íris!

Metamorfoses...

O AMOR FAZ:

Pródigo o avarento,
Afoito o tímido,
Valente o cobarde,
Sóbrio o guloso,
Diligente o preguiçoso,
Aplicado o negligente,
Madrugador o dorminhoco,
Avisado o lorpa,
Civil o malcriado,
Aceiado o desleixado,
Falador o encolhido,
Pobre o rico,
Rico o pobre,
Velho o moço,
Moço o velho,
Cidadão o aldeão,
Aldeão o cidadão,
Iguais as jerarquias.

(Do "Código do Amor")

Luz; mais ainda!

Já se encontram em frente do edificio do Colégio os postes que se destinam à iluminação da via pública.

Dentro de pouco tempo — calculamos — serão rasgadas as trevas.

São providências que dignificam os Serviços Municipalizados, sempre prontos, na medida do possível, a satisfazer as necessidades públicas e privadas.

Afinal, tantos comentários para, como sempre, vencer a verdade.

Espelhos

Dentro dos limites traçados, recebemos uma informação que na verdade merece acolhimento.

Trata-se de espelhos.

Diz o conceituoso autor que "era providência acertada mandar colocar espelhos em certos lugares da Vila, de maior concorrência de veículos". E cita depois: Largo de Serpa Pinto e o cruzamento da Estrada de Alpalhão com o caminho de Tolosa.

Está bem. De facto, muito necessários se tornam tais elementos.

Parece-nos até que a entrada para a Devesa de Trás, no seu encontro com a rua Júlio Basso, também seria lugar indicado, assim como o caso da rua do mercado com a rua do Visconde de Val da Sobreira.

São lugares muito perigosos. A boa-idea aqui fica.

Mas resta também considerar as possibilidades práticas, no que se refere a dispêndios de dinheiro. Haverá dinheiro para a aquisição e colocação de tais espelhos?

Só as entidades competentes o sabem e poderão dizer.

Entretanto, enquanto não aparecem os espelhos, têm eles de ser supridos pelo bom senso de quem conduz.

É como quem diz: enquanto não ha espelhos, sejam os condutores espelhos de virtude na arte de conduzir.

UM TRABALHO

de mérito

Do seu autor, o Sr. Fernando Portugal, recebemos um exemplar do "Índice Toponímico do Concelho de Nisa", separata da "Revista de Portugal".

Oportunamente nos referiremos a este trabalho, que já vimos ser obra de mérito.

Muito bem

Segundo nos informa pessoa digna de crédito, tem aumentado, em Portalegre, o número de estudantes que envergam capa e batina.

E parece que o uso se vai dilatar, até mesmo quanto às meninas. Antes assim!

Voltaremos a ver passar a "Briosa", na elegância e com a simpatia da sua capa e batina.

E Nisa? quando lhes seguirá o o exemplo?

Alvitres

Várias pessoas referiram-se à possibilidade deste jornal receber alvitres. É lógico que sim, embora subordinados a determinadas condições indispensáveis.

Desde que entregues pelo próprio e por ele assinados perante a Direcção, todos os alvitres serão recebidos e até publicados, com tanto que estejam dentro da moral tradicional e dos bons costumes, e não contrariem a orientação da nossa casa.

A Tradição Histórica na Formação da Consciência Nacional

Pelo Dr. Gomes Correia

É da mais elementar cultura histórica o conhecimento de como, em tempos idos, se tornou independente esta faixa mais ocidental da Península e da Europa, à qual o condicionalismo geográfico da vizinhança do mar dava já uma feição peculiar e própria.

De como, ainda, a força das armas em S. Mamede, Cerneja, Ourique e Arcos de Valdevez, se termina na Conferência de Samora, o berço de uma Pátria recém-nascida.

Em breve, Portugal, campeador da Idade-Média, mostrará, no grande plano da História que traz consigo, no vigor do sangue jovem, o gérmen fecundo dum vigor incomparável e providencial!

Na religiosidade medieval e pela espada dos seus primeiros Reis se perpetuará a sua valentia ingénita que de conquista em conquista lançará no temor o poderio sarraceno!

Mas será quando, unificado o território e valorizado o País, se sentir a ameaça de Castela contra D. Fernando que Portugal atingirá a plenitude da sua consciência política como Nação.

E que surgirão, dum augúrio de desgraça, as figuras grandes de D. João e D. Nuno que transformarão, com a graça de Deus e o patriotismo da burguesia e do povo, o que parecia ser o túmulo de Portugal na seara nova de Aljubarrota, na presença viva do Mosteiro da Batalha!

Seara que frutificará na imensidão de todos os mares, na lonjura de todas as terras, na grandeza de todos os Céus, onde se esculpiram, com o brilho das estrelas novas, os nomes de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Afonso de Albuquerque e São Francisco Xavier!

De quantos, guerreiros, navegadores ou missionários incarnaram plenamente a alma dum povo, a unidade viva da Pátria.

De quantos, de degrau em degrau, de façanha em façanha, consciencializaram, mais ainda, a massa anónima e revigoraram o espírito e o sentimento nacionais.

E a história lusitana que escreveram, repositório de glórias do passado e chama acesa nos lumes do futuro, ficaria, por certo, a queimar o sangue de cada português, a ressoar como um cântico de liberdade e independência que força alguma conseguiria calar!

Porque, para além dos elementos de sangue, de raça, de língua e de fé, mais do que todos, a história dum povo reflete e incentiva o heroísmo colectivo, congrega, realiza e agiganta a alma de uma Nação.

Poderia o vício, a corrupção e a cobiça tornar enferma uma parcela da grande família lusitana, naquele ano de 1580!

Mas quando a mão estrangeira descobriu mais claramente a sua política de integração e absorção, procurando reduzir ao nada a unidade viva que fomos, então a voz da História se fez ouvir, de novo, mais forte do que nunca, num grito desesperado de morte ou de liberdade!

E o culto dos nossos mortos, mais do que nunca também, foi a melhor afirmação de crença na própria immortalidade dos destinos portugueses!

Tal como 1380, o ano de 1640 é um braço da glória nacional.

Que a derrota, se a sofrêssemos então, mais não faria que sensacionar um episódico desvio da História,

Hoje, podem os muros da vergonha ou o poder destruidor dos homens calar, aparentemente, a voz dos Povos, mas não impedirão, por certo, que no coração de cada um reine ainda a esperança de verem surgir o seu dia primeiro de Dezembro de 1640!

Longe vão os tempos em que os fortes não eram tão fortes que pudessem

voltar as costas aos apelos da razão e da justiça.

Mas não tão longe que impeçam que oito séculos de história, síntese da epopeia nacional, afirmação inequívoca da Raça, permaneçam bem gravados na alma do povo português que continua presente nas cinco partidas do mundo onde foi, é e, se Deus quiser, continuará a ser PORTUGAL.

J. Gomes Correia

Em boa hora



Quiz também honrar-nos com a sua colaboração o Rev. Padre António Lopo nosso Vigário e Professor do Externato de D. Dinis.

Correspondeu assim, bondosamente, à solicitação que lhe fizemos; e preencheu os nossos anseios, demonstrando, uma vez mais, que veio até nós, em boa hora, e para congregar.

Muito sinceramente nos confessamos agradecidos.

Um amigo dileto

Visitou-nos, ha dias, o tenente Rui Loução, brioso oficial da G. N. R.

Trouxe-nos com a gentileza da sua mocidade, a recordação inapagável do querido amigo que para nós foi seu Pai, o Dr. Dias Loução.

Que venha sempre, são os nossos desejos, muito expressivos e muito sinceros. Venha sempre trazer-nos a sua presença amiga e a flôr duma saudade.

Gente de antanho

Pedro Alfaia, Lente da Universidade de Évora

Nasceu este ilustre professor em Nisa, a 8 de Janeiro de 1706. Foram seus pais Pedro Semedo e Maria Alfaia. A 9 de Maio de 1720 entrou na Companhia de Jesus.

Até então, chamava-se Pedro Semedo Alfaia. De 1723 a 1727, estudou Filosofia na Universidade de Évora. Em seguida, até 1731, ali ensinou Latim. Deslocou-se depois para Coimbra, onde leccionou Moral no Colégio de S. Miguel.

Em Faro, continuou o ensino da mesma disciplina, até 1739. Regressado a Évora aí fez profissão solene, a 2 de Fevereiro de 1740.

Foi prefeito de estudos no Colégio de Santo Antão e lente de Véspera e de Prima, Mestre de Casos em S. Roque e Superior no Colégio de S. Francisco Xavier. Perseguido em 1759, exilou-se e passou a viver em Macerata e em Urbana, vindo a falecer em Osimo, nas costas do Mar Adriático.

Escreveu duas obras: "Lucubrationes in Logicam" e "Lucubrationes in Animasticam".

Este homem, por todos os títulos ilustre, é justificado orgulho dos nenses de hoje, mas impõe-se também o encargo de o imitar, para que não se interrompam tradições de alto mérito, em dignidade e em saber.

"No Reino da Estupidez"

Ha tempos, um indivíduo ignorante e pretencioso, como são quasi todos os ignorantes, declarava que "se tinha praticado uma "gaffe"

E assim falou francês, quem não sabe falar português... e é português.

Coisas vulgares dos tempos que correm!

Mau gosto

De encontro à fachada de um prédio do Largo Heliodoro Salgado (Boqueirão), foram ha meses colocadas quatro placas de sinalização, mesmo em frente da entrada para a Devesa. Cremos que feitas de cimento, as tais placas são já por si de um mau gosto expressivo; mas assim, juntas, constituem simplesmente uma monstruosidade.

Quando se emendará o erro, procurando outra forma de evitar perigos, sem macular a harmonia das coisas?

Cecília

Meireles

Faleceu ha pouco, no seu Brasil, a poetisa dos Aléns—Eternos, alma insatisfeita de Belesa, sempre ávida de libertação terrena.

"Cecília Meireles, diz o Dr. Mourão-Ferreira, não foi apenas um caso excepcional na poesia contemporânea de língua portuguesa; foi também na sua pureza e na sua complexidade, uma das mais altas vozes femininas da poesia de todos os tempos."

E Alberto de Serpa afirma: "a sua vida interior é toda a sua vida; e os seus versos têm, realmente, o mistério do que não se vê."

Foi, nesta impalpabilidade, que a grande emotiva concretizou toda a sua existência de poetisa e de mulher.

Em homenagem sentida à memória da ilustre senhora, publicamos noutro lugar uma das suas produções mais características, para lembrarmos aos que a leram a perenal beleza que a definiu. Para os que, infelizmente, a não conheceram, aí fica mais uma prova de que o espírito sobreleva a condição vil da matéria.

Aniversários

Fazem anos no mês de Dezembro os seguintes estudantes:

Dia 11—António da Conceição Farinha Carita (1.º Ano)

Maria da Anunciada Caldeira Correia (5.º Ano)

Dia 22—António Manuel Caldeira Valente (1.º Ano)

Carlos Marques Bicho (4.º Ano)

Dia 25—Joaquim Carrilho do Rosário (5.º Ano)

Quem canta...

Ó moças do rio triste,
vinde lavar ao alegre,
que a água do nosso rio
põe a roupa como a neve.

Verdades eternas

Quando o carpinteiro tem madeira que lavar e a mulher pão para amassar, não lhe falta pão que comer e lenha que queimar.



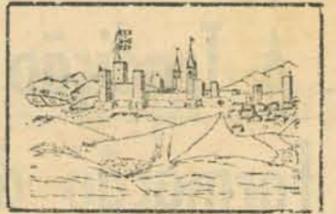
A FONTE DA PIPA, hoje, como ha vinte anos, inteiramente entregue ao abandono, dando a impressão, aliás falsa, de que as coisas de arte não preocupam as gentes da Vila.

Quando a veremos dignificada?

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO
DE CORPO A. ANÚNCIOS PERMANENTES.
CONTRATOS ESPECIAIS. NÃO SE RES-
TITUEM ORIGINAIS. A CORRESPONDEN-
CIA É DIRIGIDA AO DIRECTOR. TODA A
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura



VINTE ANOS DEPOIS

Por Armando de Castro

A Fernanda! A Fernanda que eu tantas vezes vi adormecer, pequenina, enquanto a mãe costurava na casa de jantar!

A Fernanda! Como está mudada!

Caía a tarde, e finda a refeição, levantava-se a mesa, para a cobrirem depois com um pano de fantasia.

E a criança, pequerrucha, agrotada, lábiozinhos carminados, olhos em amêndoa, muito vivos e escuros, empoleirava-se num pesado cadeirão de espaldar, graduando a altura com alguns volumes de uma velha Enciclopédia.

Vinham depois todos os elementos que ela reputava indispensáveis: a boneca mutilada num braço e com um grande impudor de vestuário, principalmente, com uma ausência absoluta das peças de roupa interior tidas como mais íntimas e discretas; livros antigos desirmanados, em que havia xilografuras e capitais vermelhas, todos já bastante minados da traça; um baralho de cartas incompleto e vários cilindros do jogo do loto.

Isto constituía para a pequenina Fernanda o mundo dos seus sonhos e o objecto do seu serão.

Casinhas, castelos, comboios, tudo ela fazia com aqueles escassos mas complexos elementos.

E ali ficava, entretida e absorta enquanto não chegava o "João Pestana", para a fazer sonhar, a calentando-a, com os sonhos que ela sonhava acordada.

A Fernanda! Como está mudada!

Umhas noites por outras, aparecia o tio, um sujeito grave, de lunetas com cordão e unhas compridas, muito tratadas nos polegares e nos mínimos: Usava grossa corrente de ouro, atravessada no colete de um a outro bolsinho. Depois de fazer o relato das notícias mais recentes, e dos boatos de maior curso quanto a casamentos próximos e à carestia da vida, consultava o velho relógio de tampinhas, dizendo: "Vão sendo horas; vão sendo horas!"

E retirava, despedindo-se e da irmã e da petiza, a quem mimoseava com um beijo ou depondo-lhe de surpresa entre os brinquedos uma gulodice qualquer que trazia oculta na algibeira do casaco.

Às vezes, nesta despedida fria e súbita, já a encontrava a dormir: o corpo atravessado na cadeira de braços, a cabeça reclinada sobre a mesa; e, ao lado, um castelo de cartas desfeito.

A Fernanda! Como está mudada!

Vinte anos passados não têm história. Uma sucessão de factos, de risos e de lágrimas, a vida de sempre, de toda a hora.

Via há dias, acanhada e petulante, entre a turba-multa, pretendendo fugir-me, por uma tarde esplendente, nos "Restauradores".

Troquei-lhe as voltas, obriguei-a ao encontro. Levei-a a almoçar, ao "Leão D'ouro", às quatro horas da tarde!

Falámos do passado, de há vinte anos atrás. E foi à porta do restaurante, ao despedir-me, que ela confessou, convulsionada pelos soluços, banhada em lágrimas, que tinha uma filha, "já quasi uma senhora", Fernanda também...

De regresso a casa, noite cerrada, na carruagem, vazia dum comboio ronco e matraqueador, ainda a ideia da Fernanda não se apagava, por mais que o desejasse, na minha imaginação.

Fechei os olhos para a esquecer. Mas cada vez ela mais se retratava no meu espírito, constantemente, obstinadamente.

A Fernanda!

Como eu a via agora de novo, a vinte anos de distância: Dormia na velha cadeira de espaldar. A cabeça reclinada sobre a mesa e, ao lado, um "castelo de cartas" desfeito, todo desfeito...

Aquele barco ancorado... ★

Aquele barco ancorado
Numa baía esquecido,
Tomou de novo uma rota
Quando o julgavam perdido.

De velas soltas ao vento
Já voltou a navegar
Caminha de novo em frente
Rumo certo a encontrar,

Aquele barco ancorado
Que a tempestade açoitou
Num nevoeiro cerrado.

Já voltou a navegar
Quando o julgavam perdido,
Numa baía esquecido.

Nisa, 3/12/964

Ilídio Nogueira Leitão

Soslavo Retrospectivo ★

"O Casteloidense" de 10 de Agosto de 1946 noticiava:

"Suspendeu definitivamente a sua publicação o nosso colega "Correio de Nisa".

A prosa burilada não foi do saudoso Engenheiro Alexandre Cordeiro, homem digníssimo e altamente considerado por toda a gente de bem. Deus o tenha em Sua Guarda.

Outro redactor, certamente, a concebeu e produziu; outro a quem hoje fornecemos o significado do advérbio.



DR. DIAS LOUÇÃO

Foi por uma tarde nostálgica de inverno que conhecemos o Dr. Dias Loução.

Já decorreram na roda do tempo vinte anos contados. Vinte anos de amizade pura e de ensinamentos sólidos, porque ele era homem de cultura séria, a desdizer a vacuidade charra de toda a hora, a insignificância que paira sobre nós como vasa aterradora das coisas do espírito, a cada momento, a cada passo.

Não mais esqueceremos essa tarde, quando a Natureza nos cobria de um tédio, que ele desfez com rasgos de génio.

A dois passos da sua residência, para lá nos conduziu, como se fossemos já amigos de muitos anos.

Ali devassámos alguns volumes que ao acaso saltaram das estantes, pois não havia que escolher. Tudo era bom.

As lombadas, percorridas num relance, diziam-nos estarmos ante pessoa para quem uma biblioteca não é apenas um elemento decorativo e presunçoso, como tantas vezes sucede, nesta banalidade corriqueira de apresentações vulgares e de conversas sem conteúdo.

Tratava-se de um homem estudioso que, ávido de saber, não se contentava com a conformação académica de uma Universidade.

O Dr. Dias Loução não terminou o seu curso, quando se formou: continuou-o por forma exaustiva, num sentido universalista de que tirou conclusões, deduziu doutrinas, construiu ideias.

E eram estas ideias que ele fazia transparecer nas suas conversas, tantas vezes propositadamente conduzidas, para fugir ao ambiente

primário desse sinistro heroísmo de afirmar, que não tem deduções, que não tem pudor, que não tem existência.

O tédio dispersado pela ignorância é o maior de todos os tédios. Ha que fugir dele, evitá-lo; esterilizar o despeito do futil, a virulência dos zoilos.

O Dr. Dias Loução dispunha sempre do azorrague do saber, para arrasar até aos fundamentos os castelos feitos de taipa e colmo. E, sobre o terreno varrido por rajadas de conhecimentos sólidos, erguia como alvenão artista baluartes inexpugnáveis, alicerçados em fontes insuspeitas e, em deduções indestrutíveis.

Mas também tinha para os simples, para os que rasgam o ventre da terra arrancando-lhe frutos bons, para o cavador humilde, mas grande como os maiores, uma palavra de conforto, uma complacência de caridade bíblica, uma ternura paternal, um sorriso de simpatia.

Era estruturalmente bom e desprentiosamente erudito.

Com ele percorremos eirados de velhas fortalezas, naves de vastos templos imponentes, altares humildes de capelinhas distantes, por entre moitas de rosmaninho, "ex-votis" de acrisoladas dores, o tilintar manso de ovelhas mansas.

Com ele contemplámos telas de mérito, folheámos anosos missais, à luz dúbia de rosáceas e de frestas estreitas, por onde o sol do poente se cõa em poalhas de ouro.

Com ele estudámos Remy de Gourmont, revimos Vergílio, recordámos Horácio, há tanto tempo adormido nas nossas estantes. Com

ele citámos e discutimos o nosso divino Eça: com ele lemos "alta voce" quasi toda a obra de Eugénio de Castro.

Parece-nos estar ainda a ouvi-lo, a recitar longos passos do "Cavaleiro das Mãos Irresistíveis", os versos embaladores das "Figuras de Tanagra", a musicalidade quasi mística de "Constança".

Amigo "ex corde", foi prestante colaborador deste jornal, que a ele ficou devendo as suas melhores colunas, em prosa e na métrica. Seria ingratitude sem grau não o recordar aqui.

Amigo "ex corde", sempre se ergueu furibundo contra todos que nos fossem molestos.

Temos pena e saudades dele, que era homem de sólido carácter e de amizade firme.

Por uma tarde nostálgica de inverno o conhecemos: por uma manhã esplendente lhe vimos o ataúde encerrar-se no mausoléu, a dormir sereno, com os seus, o sono sereno de que se não volta mais.

E foi por entre lágrimas e soluços que a grade do sepulcro se fechou sinistramente, inexoravelmente...

O Dr. Dias Loução deixou-nos para sempre: mas também para sempre ficou vivendo no nosso coração, na nossa saudade.

Externato de Dom Dinis ★

Realizou-se neste estabelecimento de ensino, no dia 1 do corrente, a celebração da data histórica do 1.º de Dezembro.

Falou o professor Dr. Gomes Correia que divagou, numa ronda magnífica de exaltação patriótica, mostrando à mocidade como são ricos e dignificantes os exemplos do nosso passado brilhante. Referiu-se à nossa actual posição perante o mundo e provou que aos jovens de hoje compete, intransigentemente, defender Portugal, para que entreguemos aos vindouros, intacta, a herança que recebemos dos nossos ilustres antepassados.

A mesa desta sessão solene foi presidida pelo Sr. Vigário, Rev. Padre António Lopo, ladeado por todos os professores do Externato e pelo Sr. Instrutor da Mocidade Portuguesa, Tenente Mendes Abóbor.

Após a conferência do Sr. Dr. Gomes Correia, o Rev. Vigário, ao encerrar a sessão, fez judiciosas considerações de ordem moral, frisando que, em tudo que há de mais sublime na História Pátria, esteve sempre presente a Igreja.

Assistiram vários encarregados de educação dos alunos; e é de esperar que aumente o número das suas presenças, na festa em honra da Imaculada Conceição.

Esteve também presente, como representante do "Diário de Notícias" o Sr. António José Pereira de Matos.

Correio de Nisa

Este número do nosso jornal devia ser publicado no dia 12, mas sai hoje, por termos a certeza de que saímos muito bem acompanhados.

É dia 8 de Dezembro!